

COMO CONHECEMOS A ESSÊNCIA DAS COISAS SEGUNDO TOMÁS DE AQUINO

WILLIAN KALINOWSKI
SÉRGIO RICARDO STREFLING

¹ Universidade Federal de Pelotas – [willianka2013@gmail.com](mailto:wilianka2013@gmail.com)

²Universidade Federal de Pelotas – srstrefling@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Começamos nosso estudo mostrando que faz-se necessário considerar uma questão de teoria do conhecimento ou psicologia racional, ou seja, a noção de abstração dos conceitos universais pelo intelecto.

As coisas como vemos na realidade, existem ao seu modo material e particular, todavia no intelecto elas são feitas imateriais e universais. Como isso acontece?

O homem não conhece a pedra a maneira da pedra, mas a forma de pedra que, unida à matéria, a específica e a determina, que contém sua essência. Por essa razão, os tomistas defendem que há dois modos das coisas existirem, um no espírito e outro na realidade: “por uma abstração, inicialmente, a inteligência extraí dos singulares que estão na origem do nosso conhecimento, a natureza que é comum a todos.”¹

O intelecto conhece as coisas recebendo delas alguma forma, e as recebe ao seu modo: “É da natureza do conhecimento que o cognoscente contenha a espécie do objeto conhecido segundo seu modo próprio.”² Esse modo intelectual de conhecer as coisas é inerente ao próprio ser humano, não a sua alma sensível, mas a sua alma intelectual.

A verdade é a adequação do intelecto ao ser das coisas. Nesta reflexão desejamos explicar de maneira mais detalhada o processo que possibilita o ato do conhecimento humano, a abstração do imaterial universal da matéria singular por meio do *intelecto agente*.

Uma coisa é inteligível porque não possui matéria, quanto mais espiritual seu ato, mais humano ele é. Ao olharmos à nossa volta, podemos ver que as coisas possuem matéria, exceto os seres espirituais. Contudo, uma pergunta instigante é: como nosso intelecto conhece uma substância material sendo ele ao seu modo espiritual e imaterial? Afirmamos que o intelecto é a potência da alma que nos permite conhecer o ente, a realidade. Já dizemos que o ser é duplo: material e imaterial. Porém, no ato do conhecimento humano, ao modo deste, todo ente se torna espiritual. Por isso, “deve-se considerar que a coisa exterior que nos é conhecida não existe no nosso intelecto segundo a sua própria natureza, mas a sua espécie deve estar em nosso intelecto, pois por ela este faz-se em ato.”³ O ente não é conhecido pela maneira do ser exterior, isto é, ele

¹ (GARDEIL, 2013, p. 104).

² (TOMÁS DE AQUINO, *Suma contra os Gentios*, L. I, C. LXX). “Vilitas cognitorum in cognoscentem non redundat per se: hoc est enim de ratione cognitionis, ut cognoscens contineat species cogniti secundum modum suum.”

³ (TOMÁS DE AQUINO, *Suma Contra os Gentios*, L.I, C. LIII). “Considerandum est quod res exterior intellecta a nobis in intellectu nostro non existit secundum propriam naturam, sed oportet quod species eius sit in intellectu nostro, per quam fit intellectus in actu.”

não existe no nosso intelecto segundo sua natureza material e concreta. Uma pedra não é infundida na inteligência materialmente, todavia espiritualmente.⁴

Uma coisa é inteligível porque é sem matéria, e sinal disso é que as formas fazem se inteligíveis em ato pela abstração da matéria. Também por isso o intelecto conhece os universais, não os singulares, visto que a matéria é o princípio de individuação. Ora, as formas apreendidas pelo intelecto tornam-se, na intelecção uma só coisa com o intelecto que está em ato. Por isso, se as formas são conhecidas em ato pelo intelecto por estarem despidas da matéria, segue-se que uma coisa é inteligente porque não tem matéria.⁵

O PAPEL DA ABSTRAÇÃO NO PROCESSO DO CONHECIMENTO HUMANO

Pela abstração a inteligência humana consegue ver um ser que estava envolvido, cercado, vestido pelas vestes da materialidade e limitado pelos sentidos. Contudo, é por meio dos sentidos que ela receberá as *imagens sensíveis* ou *fantasmas* que são a essência da coisa, ainda que envolvidas pela matéria sensível dada pelos cinco sentidos e pela própria constituição individualizante da coisa. Santo Tomás escreve que “o agente produz o semelhante a si mesmo segundo a forma.”⁶ A forma que é o ser de determinada realidade é responsável por determinar o fim específico daquela realidade. Com isso, dado que o ser em sua operação máxima deva produzir e realizar operações que sejam conforme seu fim, determinadas por sua forma, todo ser deve operar segundo sua forma.

No artigo 3, da questão 79 da *prima pars da Summa Theologiae*, Santo Tomás de Aquino questiona se se deve admitir um intelecto agente que abstraia dos seres singulares o universal inteligível. O que faz essa faculdade? Ele abstrai das coisas a espécie universal inteligível.

Abstrair é nada mais que realizar a partir do intelecto uma operação similar a que é realizada pelas abelhas ao “abstrair” o mel das flores, pois as flores contêm mel (seiva). Borboletas, formigas, abelhas, mosquitos e outros insetos podem descer sobre a flor, mas somente as abelhas podem “abstrair” o mel. De fato, somente as abelhas têm a capacidade de o fazer. Ora, tanto quanto as abelhas “abstraem” o mel das flores, o intelecto abstrai a partir dos fantasmas de objetos semelhantes a essência daquilo que é comum e necessário a eles e ignora o restante, ou seja, as diferenças individuais.

Semelhantemente, digo que o pertencente à essência da espécie de qualquer causa material, por exemplo, da pedra, do homem ou do cavalo, pode ser considerado sem os princípios individuais,

⁴ “Resta concluir que as coisas materiais devem existir em quem conhece não materialmente, mas antes imaterialmente. A razão disso é que o ato de conhecer se estende às coisas que estão fora de quem conhece, pois conhecemos também as coisas que estão fora de nós.” (TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, I, q. 84, a. 2, resp). Isto é, posso pensar um tijolo, que é objeto material, conhecido somente pelos sentidos, no entanto, a forma desse tijolo no intelecto será sempre imaterial, consumando assim uma relação entre o intelecto e o objeto.

⁵ (TOMÁS DE AQUINO, *Suma Contra os Gentios*, L. I, C. XLIV).

⁶ (TOMÁS DE AQUINO, *Suma contra os Gentios*, L. II, C. XL). “Quod ex hoc patet: agens enim agit sibi simile secundum formam.”

que não são da essência da espécie. E isto é abstrair o universal, do particular, ou a espécie inteligível, dos fantasmas; isto é, considerar a natureza, sem considerar os princípios individuais, representados pelos fantasmas.⁷

Admitindo isso, Santo Tomás desenvolve a partir de Aristóteles a doutrina *do intelecto agente*. Saber, afinal de contas, é ver, o homem não vê as coisas diretamente em ato, porém o homem pode ver as coisas com o auxílio dessa luz ou virtude que realiza a abstração chamada intelecto agente: “Por onde, para intelijir não basta à imaterialidade do intelecto possível, sem o intelecto agente, que, por abstração, atualiza os intelijíveis.”⁸

Deste modo para que a alma possa iluminar os fantasmas ou imagens sensíveis, é *conditio sine qua non* a existência de um intelecto agente *in Anima*. Afirma o Aquinate: “Logo, é necessário admitir-se uma virtude, no intelecto, que atualize os intelijíveis, abstraindo as espécies das condições materiais. E essa é a necessidade de se admitir um intelecto agente.”⁹

Por fim, por meio deste ato de abstrair realizado pelo *intelecto agente*, o intelecto está instrumentalizado para realizar seu ato, que é intelijir, o que se dá com o ato do intelecto possível, função dependente do intelecto agente.

2. METODOLOGIA

Como metodologia de pesquisa, aderimos ao estudo destes princípios da teoria do conhecimento de Santo Tomás, pois eles estão de acordo com nossa pesquisa de tese doutoral. Esse resumo é resultado de nossas pesquisas em obras como Suma Teológica e Suma Contra os Gentios, aulas ministradas, da leitura de comentadores do Aquinate, e reuniões com o professor orientador. Para uma análise mais profunda dos conceitos aí desenvolvidos, se utilizará tanto as edições críticas em latim. Não somente neste trabalho, mas, em nossa tese iremos investigar estes temas, ainda com mais profundidade e desdobramentos metodológicos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No que tange ao início de nosso conhecimento intelectual, para Santo Tomás, não entra nada da subjetividade humana. Muito diferente do que vai defender na modernidade um David Hume e um Immanuel Kant, por exemplo. Se o órgão estiver bem disposto fisiologicamente, não há erro na apreensão da espécie inteligível por meio do intelecto agente. Nós aprendemos um aspecto certo, permanente e constante do ente, da realidade, embora seja uma realidade material, sabemos que ali há uma realidade comum, universal.

⁷ (TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, I, q. 85, art. 1, ad 3).

⁸ (TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, I, q. 79, a. 3, resp ad 3). “Et ideo ad intelligendum non sufficeret immaterialitas intellectus possibilis, nisi adesset intellectus agens, qui faceret intelligibilia in actu per modum abstractionis.”

⁹ (TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, I, q. 79, a. 3, resp). “Oportebat igitur ponere aliquam virtutem ex parte intellectus, quae faceret intelligibilia in actu, per abstractionem specierum a conditionibus materialibus. Et haec est necessitas ponendi intellectum agentem.”

4. CONCLUSÕES

Admitindo isso, Santo Tomás desenvolve a partir de Aristóteles a doutrina do *intelecto agente*. Saber, afinal de contas, é ver, o homem não vê as coisas diretamente em ato, porém o homem pode ver as coisas com o auxílio dessa luz ou virtude que realiza a abstração chamada *intelecto agente*. Por fim, por meio deste ato de abstrair realizado pelo *intelecto agente*, o *intelecto* está instrumentalizado para realizar seu ato, que é *inteligir*, o que se dá com o ato do *intelecto* possível, função dependente do *intelecto agente*.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHESTERTON, G.K. **Santo Tomás de Aquino**. São Paulo: Ecclesiae, 2013.
- GARDEIL, Henri-Dominique. **Iniciação à Filosofia de Santo Tomás de Aquino. Volume I: Introdução, lógica e Cosmologia**. São Paulo: Paulus, 2013.
- _____. **Iniciação à Filosofia de Santo Tomás de Aquino. Volume II: Psicologia, Metafísica**. São Paulo: Paulus, 2013.
- GARRIGOU-LAGRANGE, Reginaldo. El sentido común. Ediciones: Dedebe. Buenos Aires, 1944.
- ROUSSELOT, Pierre. **A teoria da inteligência segundo Tomás de Aquino**. São Paulo. Edições Loyola, 1999.
- TOMÁS DE AQUINO. **Comentário à metafísica de Aristóteles I-IV - Volume I, II, III**. Tradução de Paulo Faitanin e Bernardo Veiga. Campinas, SP: Vide Editorial, 2016.
- _____. **A unidade do intelecto contra os averroístas**. Editora: Paulus, São Paulo: 2016.
- _____. **O Ser a Essência**. Tradução e notas explicativas de Pe. Aldo Sérgio Lorenzoni. Pelotas: EDUCAT, 2016.
- _____. **Questões disputadas sobre a verdade**. Campinas: Ecclesiae, 2023.
- _____. **Suma Teológica**. Campinas, 2016.